

Chelpa Ferro

O grupo Chelpa Ferro tem se destacado nos últimos anos por instalações sonoras extraordinárias, nas quais, a par de instrumentos musicais convencionais, são empregados materiais os mais originais: cinzeiros cantantes, máquinas de amolar facas, máquinas de costuras, aparelhos domésticos de todo tipo, até mesmo alto-falantes dentro de um aquário.

Chelpa Ferro, que significa “dinheiro” na antiga linguagem coloquial portuguesa, ama a aura de objetos achados comuns, especialmente quando sons podem ser arrancados deles. Uma broca enferrujada no consultório de um dentista soa como uma amostra de *techno* eletrônico; de galhos que são sacudidos por motores em miniatura sai o sussurro misterioso da floresta. Ou é talvez um concerto de música experimental? Um grande arco metafórico se retesa, indo de um simples pedaço de lata ou madeira até a obra de arte, poeticamente carregada. Ninguém, exceto Chelpa Ferro, sabe como soou a flauta de osso de cisne, que foi descoberta há pouco tempo por arqueólogos no sul da Alemanha e é, com seus 35 mil anos, o instrumento musical mais antigo do mundo.

Como curadores de um museu organográfico, que não por acaso está situado nos trópicos, Chelpa Ferro revolve nas minas da história e da atualidade da arte e da música. Ora o grupo leva a público um gramofone ou uma flauta de argila, com que os índios do Amazonas imitam o canto de um pássaro durante a caça, ora produz ruídos de uma turbina de avião, de uma sirene de alarme ou o som de uma *ravetechno*. Cores sonoras escuras e campestres e os barulhos frenéticos da grande cidade se revezam abruptamente. Entende-se por si mesmo que ritmos de percussão, derivados da música popular brasileira, surjam repetidas vezes. A imoderação da natureza tropical e a força de imaginação da arte estão unidas de modo feliz em Chelpa Ferro. Amiúde se trata de situações soando absurdas, que começam deixando perplexo o visitante para depois, dada sua fina ironia, devolvê-lo ao dia-a-dia com um leve sorriso nos lábios.

Além disso, os sons estão em um diálogo constante com o emaranhado de cabos elétricos, que acrescenta às instalações sonoras de Chelpa Ferro a dimensão de um desenho complexo. São laços negros e suaves que se refestelam lascivos pelo chão ou novelas confusos e grosseiros, tão pouco desenredáveis como as disposições sonoras. Desenho e composição são igualmente fragmentários e nervosos. O que de início parece provisório e frágil possui uma força e uma robustez intrínseca. Aos acessos de fúria se seguem momentos de alegre elegância. Ora o elemento de desenho e escultura tem supremacia, ora o elemento sonoro. E, eventualmente, os arranjos levam àquele ponto misterioso em que os sons se extinguem, transitando imperceptivelmente para o campo das imagens.

Alfons Hug